

A interpretação na história: um depoimento sobre a experiência de pesquisa acerca do Integralismo

The historical interpretation: a narration of the pitfalls of researching Integralism

*Giselda Brito Silva**

RESUMO

Este texto tem como meta apresentar aos interessados na pesquisa em história política do Brasil, particularmente do integralismo, um depoimento sobre nossas experiências de pesquisa e os caminhos interpretativos do campo historiográfico vivenciados entre os começos da década de 1990 a 2002.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa histórica; Integralismo; Interpretações.

ABSTRACT

This text is for persons interested in Brazilian political and historical research, specially, integralism. It narrates our experiences in both researching and using interpretative avenues of historiographic categories in the decade from 1990 to 2002.

KEYWORDS: Historical research; Integralism; Interpretations.

Iniciamos nossas reflexões e depoimento com observações de Roger Chartier que, em entrevista, disse-nos que cada interpretação histórica pode ser comparada a uma leitura que dá sentido aos fenômenos históricos estudados. Esse sentido, contudo, não é livre das interferências historiográficas, daí o mesmo Chartier destaca a necessidade de um entrecruzamento de vários tempos: o tempo do historiador e o tempo de outros historiadores que se dedicaram ao mesmo objeto de estudo, de modo a compreender a importância da temporalidade da escrita da história e as mudanças de interpretações. Pois, segundo ele, “a leitura da história, no sentido da interpretação, é sempre fundada sobre leituras precedentes, aquelas que comandam uma aproximação erudita e crítica diante dos documentos”.¹ Concordando que a escrita da história é composta de outras escritas que lhes precederam, faremos aqui uma

* Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Professora Adjunta da Universidade Rural Federal de Pernambuco (UFRPE) / Brasil.

¹ A entrevista pode ser consultada em:

<http://www.tvebrasil.com.br/salto/entrevistas/roger_chartier.htm>.

explicação de como as escritas precedentes à nossa pesquisa interferiram de forma positiva e negativa em nossa pesquisa, ora indicando caminhos ou sugerindo reflexões, ora nos desviando dos percursos apontados pelos documentos em função do momento historiográfico hegemônico.

Começamos a estudar o integralismo em 1989. Daquele momento até hoje incorporamos muitas reflexões acerca do estudo do integralismo no Brasil. Neste trabalho esperamos poder passar adiante alguns aspectos dessa experiência de modo a vir a contribuir com os novos pesquisadores do tema. Assim, tomamos o trecho da entrevista do Roger Chartier acima para começar nossa reflexão acerca da importância dos cuidados com a leitura historiográfica do tema que precede à pesquisa empírica documental, por ser este um lugar que termina por influenciar na interpretação dos fatos, podendo vir a determinar alguns lugares de abordagem da pesquisa.

A questão parte, principalmente, do fato de como se lê em certos momentos historiográficos, visto que a leitura, conforme nos ensinou o mesmo Roger Chartier, é histórica e permeada por momentos de profundas mudanças que podem nos levar a sentidos diversos. Se hoje podemos ler a produção historiográfica de outros tempos considerando suas condições de produção e os lugares do historiador, nem sempre foi assim. Em tempos passados a leitura bibliográfica de um tema, em função do momento teórico com o qual se posicionava, indicava um caminho a seguir reivindicando para si certo poder de verdade sobre o conhecimento dos fatos. Trabalhar fora do sentido indicado por esta bibliografia preliminar era motivo de enfrentamentos, muitas vezes desanimadores para um jovem pesquisador iniciante.

Em 1989, quando iniciamos nossas leituras sobre o Integralismo fomos imediatamente apresentados à Héglio Trindade (*Integralismo: o fascismo brasileiro nos anos 30*, tese de doutorado em 1971 e que saí em livro em 1974), considerado leitura obrigatória do tema. Dele, partíamos para José Chasin, Edgard Carone, Gilberto Vasconcelos, Ricardo B. de Araújo, Marilena Chauí, Stanley Hilton, Ricardo Seitenfus, Roberto Gambini, Roberto Levine e outros.² Do resultado destas leituras seguíamos para os teóricos que investiam numa abordagem sobre o Estado autoritário, procurando ver as influências dos modelos fascistas alemão e italiano no integralismo brasileiro e a participação

² As referências e obras destes autores se encontram na bibliografia deste texto.

da burguesia, da chamada direita no movimento.

O que aqui se buscará dizer é que, em função das leituras preliminares acerca do integralismo, acabávamos nos conduzindo para o estudo de uma contextualização nacional do Integralismo buscando sempre a relação do Brasil com a Alemanha ou com a Itália num movimento do capitalismo. Do resultado destas leituras, procurávamos nos documentos (naquele momento as chamadas *Fontes Primárias* que completavam as *Fontes Secundárias*) os pontos de ligação do Brasil, particularmente do Integralismo, com aqueles movimentos e países.

Ao longo da pesquisa, contudo, passamos a inserir leituras da História Oral (em começos dos anos 1990 era relativamente possível localizar ex-militantes do integralismo ou pessoas que teriam vivido o período). Esse lugar de pesquisa nos levou a mudanças na abordagem do tema para outras questões importantes para a ascensão da Associação Integralista Brasileira (AIB) em Pernambuco que não eram exatamente contempladas na historiografia daquele momento. Nossos entrevistados, alguns deles intelectuais e, portanto, conhecedores do que se escrevia sobre o integralismo –a exemplo de Paulo Cavalcanti, Potiguar Mattos e Dom Helder Câmara– mostraram que nem sempre os motivos dos que foram integralistas estavam diretamente ligados aos movimentos fascistas europeus. Em suas falas destacaram a importância do catolicismo nos discursos integralistas como atrativos para as famílias da região. Para Paulo Cavalcanti e Potiguar Mattos outro dado importante era o contexto dos nacionalismos do entre guerras, que colocava o integralista para combater o estrangeirismo, localizado no *comunismo moscovita* e no *liberalismo norte americano*. Entretanto, o maior peso, também na fala de ambos, era o catolicismo muito presente na vida cotidiana das famílias mais tradicionais do estado de Pernambuco e de outros estados também de cultura tradicional.

Outros documentos que também desviaram nossa rota inicial de pesquisa foram os documentos da polícia política localizados no Arquivo Público do Estado Jordão Emerenciano (APEJE), que puderam ser utilizados em função de uma lei local que, em 1991, liberava os documentos da Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco (SSP-PE) para o Arquivo do Estado. Através desta nova possibilidade de pesquisa, os historiadores do estado puderam ver um lado polêmico deste movimento, porque mostrava os conflitos do cotidiano de suas

atividades com comunistas e com o próprio governo. É importante registrar que nosso acesso a estes documentos, naquele mesmo ano de transferência dos arquivos da política para os do Estado, só foi possível em função do Diretor do Arquivo naquele momento ser o Professor Potiguar Mattos, um ex-integralista que se dizia interessado em que as pessoas conhecessem as razões e os motivos dos que foram integralistas no contexto do entre guerras, haja vista que tais documentos estavam em fase de seleção, catalogação e higienização. Além de nos possibilitar o acesso a tais documentos, o professor Potiguar Mattos também nos emprestou livros do movimento e nos concedeu uma entrevista.

O resultado destes desvios foi a percepção da pouca importância que tinha a influência nazista ou fascista para Pernambuco, sendo mais visível a questão do anticomunismo e do catolicismo, bem como a participação dos intelectuais membros das grandes famílias locais terem sido seus líderes e propagadores. Estes aspectos se encontravam registrados em vários tipos de documentos: nos *jornais integralistas* (onde localizávamos e mapeávamos a relação do político com o religioso) que registram forte discurso de apelo cristão para os problemas políticos do Brasil; nos *documentos policiais* que indicavam a questão anticomunista como central para a adesão de muitos ao integralismo; as *entrevistas orais e biografias* através das quais pudemos localizar fotografias, informes sobre outros jornais e obter informações sobre as subjetividades que moveram as fileiras do integralismo, com destaque para os intelectuais católicos que registraram suas memórias políticas deste período.

Nestes novos lugares de pesquisa, destacava-se a forte presença dos bacharéis da Faculdade de Direito do Recife nas fileiras integralistas. Destes intelectuais chegamos à relação Brasil-Portugal para o caso do integralismo, pouco citada pela historiografia clássica do tema. O Integralismo Lusitano e o Salazarismo apareciam nos registros desta intelectualidade e deles passamos a perceber a importância de Portugal na produção e circulação das idéias dos movimentos da direita no Brasil para além da Itália e da Alemanha. Tais dados, contudo, não invalidam a presença das idéias políticas destes últimos na formação do pensamento político brasileiro que envolvia o integralismo e outros movimentos da direita. Observe-se que aqui não queremos negar a influência destes países num movimento do tipo nacionalista que muito tinha em comum aos movimentos presentes naqueles países. O que aqui se buscará mostrar é que

em função das leituras iniciais uma pesquisa pode tomar este ou aquele caminho. Importa aqui destacar que a percepção da importância da relação Brasil-Portugal só nos chegou através dos desvios da pesquisa para além das indicadas num dado momento historiográfico. Importa dizer que as referências bibliográficas são de suma importância para o entrecruzamento de vários tempos no trabalho do historiador, mas que não podem ser tomadas como um caminho de sentido único, sendo os caminhos de evolução do conhecimento histórico muito mais o resultado da pesquisa de campo de cada historiador que em seu tempo acumula ao já-dito.

Sem a introdução da fonte oral e dos documentos policiais, bem como dos memorialistas, que passaram a nos mostrar novas possibilidades de pesquisa no campo da historiografia política pernambucana e brasileira, teria sido difícil estabelecer a relação Brasil-Portugal nos estudos do integralismo. Em razão mesmo da forte indicação de sentido para as influências fascistas e nazistas, propostas pela corrente marxista predominante nas produções historiográficas de começos dos anos 1990 da história política do Brasil, quando iniciávamos a nossa formação como pesquisadora do tema. A partir da introdução de novos documentos, lidos sob novas abordagens, chegamos à relação do integralismo com o anticomunismo, com o catolicismo e acabamos também por incorporar as *Revistas Católicas* que circulavam entre os intelectuais, que traziam cotidianamente notícias do Portugal Salazarista, de António Sardinha e dos integralistas lusitanos. E que hoje constituem nosso lugar de tratar do tema, num estágio pós-doutoral.

As condições de produção da dissertação de mestrado, entre 1993-1996 não permitiram que déssemos novo rumo às pesquisas em função do tempo disponível para sua conclusão, além dos objetivos naquele momento: estudar o surgimento, expansão e atuação da AIB em Pernambuco de 1932 a 1937. Resolvemos, então, utilizar as novas informações para estudar as formas de recepção do movimento no Recife, como formou fileiras e como expandiu seus núcleos pelo interior do (E)estado de Pernambuco dentro das condições internas da vida política local. Neste novo percurso, contudo, procurando evitar aprofundar as discussões em torno das influências Brasil-Alemanha/Itália. Isso porque já havia grandes indícios, em nosso campo de pesquisa, da pouca relevância desta relação para o caso de Pernambuco, diferente de outros

estados. Estas outras abordagens e especificidades do integralismo vêm sendo tratada por pesquisadores do tema situados na região sul e sudeste, conforme o professor Fábio Bertonha demonstra num trabalho que mapeia as pesquisas do integralismo na atualidade e que se encontra em processo de editoração até este momento.

Retomando nossas reflexões, podemos dizer que tivemos vários enfrentamentos por evitar o sentido proposto pela historiografia marxista ou a proposta pelo professor Hélgio Trindade. Durante nossas pesquisas fomos freqüentemente questionados sobre a ausência de uma discussão em torno das questões Brasil-Alemanha/Itália, apontando-se a obra do Hélgio Trindade e as que lhes seguiam os passos como o pano de fundo da questão ou como verdades estabelecidas acerca do que foi o integralismo brasileiro. O tema era tratado como se a AIB fosse um movimento de caráter nacional, homogêneo e uniforme sem que houvesse uma preocupação por parte dos historiadores em estabelecer a importância das especificidades locais e regionais, bem como as várias motivações das adesões.

Sobre estes enfrentamentos, Michel de Certeau (2002) está sempre nos lembrando como a “*Operação Historiográfica*” requer que o historiador não perca de vista seu lugar social e institucional na escrita da história, como condição para sua produção historiográfica entre os pares. Assim foi que, entre um capítulo e outro, entre uma análise e outra, havia sempre a necessidade de justificarmos a abordagem que se vínhamos utilizando na pesquisa, preferencialmente, justificando o porquê de estar fora das análises que estabeleciam a relação do Brasil com a Alemanha e a Itália.

Por ocasião do doutorado, 1998-2002, passamos a investir com mais propriedade e segurança numa análise dos documentos da polícia política, destacando os registros da polícia política, a ação do governo e suas relações com os integralistas de modo a questionar as “alianças” entre eles *versus* a luta contra um inimigo em comum. Obviamente, não se pretendia negar essa aliança na luta contra o comunismo, mas destacar aspectos locais sobre como esta aliança teria se dado entre acordos e enfrentamentos entre o Estado, o poder político local e os defensores do integralismo que em geral eram provenientes das grandes famílias locais. Particularmente, procuramos mostrar, diferentemente da historiografia do tema, que estas foram relações bastante

conflitantes que envolviam, além de discursos de confronto, ação policial específica contra um “aliado”. Pretendia-se mostrar também o lugar do integralismo na construção do Estado Novo não apenas na formulação do Estado forte e da ordem nacional, mas pelo campo da desconstrução da imagem nacionalista para uma imagem perigosa, onde eram apontados como os novos subversivos e inimigos da nação. Para isso, utilizamos o auxílio da Análise do Discurso (AD). Sob o auxílio da AD, procedemos à leitura e análise dos discursos policiais e jornalísticos acerca dos atos de vigilância e controle dos integralistas antes e depois de 1937.

Foram as leituras da documentação policial, sob a análise do discurso, mais a história oral e biografias que nos permitiram uma nova interpretação das atividades integralistas em Pernambuco. Segundo a historiografia daquele momento não havia perseguição ou vigilância policial aos integralistas. Nos documentos do Departamento da Ordem Política e Social do estado de Pernambuco (DOPS-PE), contudo, encontramos escalas de serviço organizadas para proceder à vigilância dos integralistas, “partes” policiais, informes e depoimentos contendo casos de perseguição e até de prisão de integralistas mesmo antes de 1937. A Conferência de Plínio Salgado, em 1933, no Teatro Santa Isabel é um exemplo de que a polícia política desde o início das atividades integralistas foi reorganizada para acompanhar as atividades comunistas e integralistas no Brasil. Dizemos no Brasil porque a polícia local recebia ordens e determinações da Polícia Central localizada no Rio de Janeiro.

Foi a localização destes documentos, mais as memórias orais e biográficas que nos redirecionaram as pesquisas, levando-nos a problematizar as alianças e acordos entre o governo e os integralistas contra um inimigo em comum. Como se pode daí perceber, nossa perspectiva de abordagem do integralismo, como movimento nacional e como estudo de caso, tentava romper com posições de análise. Nossa meta passou a ser mostrar a heterogeneidade e a complexidade do movimento, os seus diferentes e não os seus iguais e homogeneidade. Em nossa percepção, a figura de Plínio Salgado e seus discursos eram o centro do movimento e que canalizam as diferentes forças nacionais para um lugar comum dentro do movimento, levando todos os adeptos e simpatizantes a terem uma imagem homogênea do movimento. Observe-se, contudo, que as aproximações discursivas entre a política e a religião eram um lugar enunciativo

do chefe do movimento e que projetavam uma imagem tradicional que é percebida em todas as pesquisas do tema.

Consideramos, com isso, que trouxemos contribuições aos estudos da histórias política e cultural do integralismo. É importante salientar que, neste período de doutoramento entre 1998-2002, havia poucas teses e dissertações sobre uma abordagem do tema que considerassem a complexidade das relações com o governo, via sua polícia, e o campo das subjetividades. Acreditávamos que, além do tema não ser simpático a muito historiador, com a abertura dos documentos da polícia política de Vargas, vários historiadores se sentiram mais animados em ver a situação dos comunistas registrada pela polícia. Ficando os integralistas de fora de muitas destas pesquisas. Alguns marxistas declarados chegavam a dizer que era um erro tentar compreender a direita nesta posição de vítima do governo. Obviamente, as tantas proibições de uma historiografia deste passado ditatorial varguista, mescladas por tantas histórias de violências contra as esquerdas, era natural que muitos se interessassem em penetrar nos “porões da ditadura” para compreender fatos ainda sem compreensão e ocultos.

Mas, como já destacamos, o estudo do tema no doutoramento foi feito numa posição de fronteira entre a História e a Análise do Discurso. Passamos a analisar as condições de produção dos discursos católicos, integralistas e policiais. A tentativa de estudar os conflitos da própria direita, numa abordagem da AD com a história política não foi fácil. Especialmente porque há, ainda hoje, poucos historiadores que investem nessa relação entre a história e a lingüística, onde ainda permeiam muitas questões e discussões epistemológicas que preferimos não adentrar, apesar do discurso estar sempre presente no trabalho do historiador como tema e como fazer historiográfico. O resultado foi uma pesquisa cujo eixo central foi mostrar como os discursos eram construídos sempre a partir de outros discursos já pronunciados e que retornavam em condições de possibilidades históricas, donde procuramos mostrar como os da AIB contribuíram para perseguir o inimigo comunista e depois para o Estado Novo retirar os próprios integralistas do campo político.

Neste estágio, as questões sobre as influências externas e a presença dos intelectuais que mantinham contato com outros países surgiram com a apreensão de livros e revistas que indicavam ligações com os integralistas lusitanos. Esta questão nos serviu para mostrar que aqui não circulavam apenas

interferências da Alemanha e da Itália para as idéias políticas da direita, mas também de Portugal. Até porque está questão nos inquietava. Como nossa antiga colonizadora podia ter um Integralismo Lusitano, um Salazarismo e um Estado Novo, e não estar presente nos estudos do integralismo e do Estado Novo no Brasil?

Entretanto, como naquele momento da tese de doutoramento estávamos guiados para ver os conflitos entre integralistas e polícia, mantivemos essa linha de estudo da participação dos intelectuais e das influências externas portuguesas no movimento à parte. Terminado o doutorado, em dezembro de 2002, voltamos a estas questões.

Importante declarar que esta nova posição de pesquisa não foi apenas o resultado da introdução de novos documentos de pesquisa, mas também sugestão de nossa banca de defesa de doutoramento, que para nossa surpresa nos questionou a ausência das influências portuguesas e a ligação do integralismo brasileiro com o integralismo lusitano. Animada por tais observações, uma vez que já possuíamos os documentos para um ponto de partida, fomos ainda agraciados pela percepção de um novo momento historiográfico. Passamos a contar com as possibilidades de outros olhares para estudos das influências externas para além do já-dito sobre a relação Brasil-Alemanha/Itália para o caso de Pernambuco. Nessa nova meta, passamos a considerar o campo da literatura e estudos do pensamento político português na formação intelectual dos adeptos e simpatizantes do integralismo, com particular atenção para a literatura que congregavam as idéias políticas atreladas ao catolicismo daquele momento e que circulavam entre os intelectuais católicos no Gabinete Português de Leitura do Recife.

Deste momento em diante novas leituras historiográficas e novos documentos foram sendo incorporados. A literatura produzida pelos intelectuais católicos do Recife, as biografias, memórias e jornais da Faculdade de Direito do Recife passaram a ter grande importância e a ser incorporada ao já-dito por outros documentos. Nas leituras historiográficas destacou-se o livro: *Os Camisas Azuis: ideologia, elites e movimentos fascistas em Portugal (1914-1945)*, de António Costa Pinto (1994). Trata-se de uma obra que forma nos historiadores brasileiros uma base de estudo inicial necessários para adentrar no conhecimento do que foi e como atuou o integralismo lusitano. Outra leitura

da historiografia portuguesa importante foi o livro: *Filhos de Râmiros: as origens do Integralismo Lusitano*, do José Manuel Quintas (2004). Nestas leituras encontramos importantes indicações de outros documentos do movimento entre revistas católicas, biografias, memórias e livros que também circulavam aqui no Recife. As revistas católicas, por exemplo, tanto aqui como lá são documentos importantes para ver esta relação, porque mantêm os mesmos textos de publicação sobre António Sardinha, o Salazarismo e a posição dos intelectuais em Pernambuco. Além disso, indicam a forte relação entre o integralismo e o catolicismo, circulando tanto entre intelectuais de Portugal e como os daqui. Das revistas mais representativas, destacamos: *Acção*, *Ação Universitária*, *Cruzada Nacional*, *A Ordem*, *A Tribuna* e *Tradição*.

No campo da literatura produzida pelo grupo integralista de Portugal, também localizamos discursos atrelados à formação cultural dos intelectuais brasileiros neste período. No Brasil, particularmente em Recife, essa literatura circulava entre a intelectualidade da Faculdade de Direito que passara a dar visibilidade ao tema do Salazarismo, do Nacional-Sindicalismo e do integralismo lusitano em seus escritos, freqüentemente lembrando a importância de António Sardinha entre os “*moços do nacionalismo*” mais lido.³ Outros artigos lembrando os “*moços do nacionalismo*” brasileiro e portugueses em seus interdiscursos e intertextualidades podem ser lidos nas *Revistas A Ordem e A Tribuna*.

Como se pode perceber, a cada novo momento historiográfico, vamos mudando nossas interpretações históricas, nossa escrita e nos beneficiamos de novas leituras. Não se trata de histórias mais verdades ou não, mas de novos conhecimentos dos acontecimentos do passado que estão espalhados e fragmentados em arquivos plurais e que passam a ter visibilidade e unidade de sentido a cada momento da historiografia e a cada mudança de posição do historiador.

Importante destacar que nesta nova fase historiográfica passamos a contar com o apoio do Grupo de Estudos do Integralismo (GEINT), onde contamos cotidianamente com informes, através de um site do Grupo no Yahoo e e-mails, sobre a dinâmica dos estudos do tema com a participação de pesquisadores de

³ Os artigos utilizados para estes destaques se encontram na edição 32 e 33 da *Revista de Cultura Tradição*, abril de 1943.

várias partes do Brasil, que contemplavam vários enfoques e lugares de pesquisa. Lembro aqui que o GEINT já organizou dois grandes congressos, na eminência de um terceiro, nos quais se destacam muitos destes lugares de pesquisa do tema, entre eles a relação Brasil-Portugal, que começa a ser um *locus* de debate sem prejuízo para as questões da influencia da Alemanha e da Itália e outras.

Do contato e intercambio com estes pesquisadores, tem resultado a percepção de dizer que o tema está longe de se esgotar porque, apesar de ter sido tema da história ao longo dos anos 1970 até nossos dias, só atualmente o tema do Integralismo apresenta uma dinâmica de olhares entre os historiadores da política brasileira do século XX. Não apenas porque *elas*, os integralistas, voltaram a circular e desfilar na Avenida Paulista, no Rio de Janeiro, Espírito Santo e em outras partes do Brasil, especialmente pelo campo da internet. Mas, porque os Programas de Pós-Graduação em História, introduzindo as mudanças paradigmáticas e viabilizando a entrada de novos lugares de pesquisa, acabaram estimulando a utilização de novos documentos e com isso vem proporcionando novos estudos sobre um tema que em outros momentos paradigmáticos ficaram em posição desconfortável.

A nosso ver foi sem dúvida o investimento nas pesquisas regionais e estaduais do tema, a busca das especificidades, mais a ousadia de muitos pesquisadores em sair dos lugares em comum de análise, que propiciaram esta nova dinâmica de estudos do integralismo no Brasil. Daí os estudos sobre a relação Brasil-Portugal, a posição das mulheres, das crianças, dos emblemas e mitos, dos discursos jornalísticos, das revistas católicas e intelectuais católicos como lugares relevantes para se compreender a amplitude da atuação do integralismo nos anos 1930 e seu retorno na atualidade. Sem esquecer as atividades políticas dos integralistas nos anos 1950 com o Partido de Representação Popular (PRP) e a posição dos integralistas durante o regime militar, momentos ainda bastante carentes de pesquisa.

A relação Brasil-Alemanha ou Brasil-Itália não deixou de ser uma tônica dos estudos do movimento no Brasil. O que acontece é que eles vêm ganhando novos dados, novas informações. Houve uma ampliação na compreensão do que foi a Ação Integralista Brasileira. A conscientização da sua complexidade apesar de conhecido como movimento de caráter nacional. A percepção de que de uma

região para outra o foco de análise muda. Ora, temos olhares para a Alemanha (para o caso das áreas de sul com mais destaque de imigrantes deste país); ora, para a Itália (descendentes italianos) e tem crescido com franco interesse os olhares para Portugal, tendo neste lugar a intelectualidade católica e tradicional o ponto de intercambio cultural e político.

O que estamos tentando dizer é que em função do momento historiográfico, das formas de leitura e utilização das mesmas, os estudos do integralismo no Brasil tomaram várias direções, sendo aceitos na atualidade. O tema tomou grandes proporções, tendo Portugal definitivamente entrado na lista dos estudos da política externa brasileira dos anos 1930-40, os estudos de gênero, da infância, da memória, dos símbolos, ritos e mitos, e dos discursos que constituem um dos focos mais em evidência. O número de teses e dissertações, privilegiando uma variedade de lugares de pesquisa, é representativo das várias direções que se tem tomado na historiografia. Além das mudanças de lugares de influências externas, também foram integradas nas pesquisas novas documentações que procuram se dedicar aos estudos da memória integralista, da cultura, da literatura de época, das biografias, etc.

Mas, o foco mais central dos temas é o estudo das especificidades regionais e estaduais. Contudo, apesar de hoje contarmos com estudos na Bahia, Sergipe, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará ainda há forte predominância do tema na região Sul, seguida da região Sudeste, com particular atenção para São Paulo. Neste último estado está situada a “Casa de Plínio Salgado” e o Arquivo Municipal de Rio Claro, onde se pode localizar um arquivo específico do chefe integralista, fomentando muitas das pesquisas, entre elas algumas ligadas à relação Brasil-Portugal, em razão das cartas particulares de Plínio Salgado enviadas para amigos e familiares quando esteve no exílio entre 1939 a 1946. Algumas destas cartas estão comentadas e publicadas em obras publicadas pela Editora Voz do Oeste/Casa de Plínio Salgado.⁴

O que aqui se quer destacar são os vários aspectos que foram ficando ao largo das pesquisas do integralismo na história política brasileira, com particular atenção para as influências de Portugal na chamada *Era Vargas* e que hoje fazem parte das pesquisas como é possível observar em algumas chamadas bibliográficas de trabalho de teses e dissertações, contempladas na obra aqui

⁴ Sobre estas publicações ver: Plínio Salgado (1980 e 1980).

indicada do professor Fábio Bertonha (2009), tudo resultado de novas pesquisas que ousaram sair dos lugares comuns, desviar ou ampliar os já-ditos pela historiografia com base em novos documentos e novas abordagens.

Algumas destas novas pesquisas têm investido no campo de atuação do movimento na educação, o lugar das mulheres em suas fileiras, as crianças, as fardas e indumentárias, a professora Rosa Cavalari (1997; 1999) dá um bom destaque a estes tópicos do movimento, ajudando muitos pesquisadores. No campo da abordagem a análise dos discursos vem se destacando como um lugar forte ao lado das memórias e biografias. É neste campo que vimos procurando nos posicionar para tentar estudar a presença de Plínio Salgado em Portugal, bem como as origens dessa troca de intercâmbio entre o integralismo lusitano e o brasileiro.

O que nos leva a retomar nossa questão inicial acerca do intercâmbio entre a historiografia de ontem e a de hoje. O entrecruzamento com outros tempos historiográficos é uma tônica importante para o historiador. Sua utilização, contudo, deve ser no sentido de inspiração ou um dos lugares de informação, mas não tomada como determinante. Observe-se pelo que vimos falando, o quanto andamos nas análises do tema. Finalmente, importa dizer que uma pesquisa se beneficia bastante do já-dito sobre um tema, mas é no cruzamento destas informações com a documentação resultado da pesquisa de campo que se pode tomar decisões acerca da escrita da história.

Hoje, consideramos que a historiografia é fundamental para o ponto de partida inicial dos jovens pesquisadores de um tema desde que seja tomada como lugar indicativo das instituições de pesquisa e como fonte de informação do que já se pesquisou; o que já se conhece de um tema. Devendo as novas pesquisas tomar tais conhecimentos e informes como pontos de alavanca para novas posições, leituras e escritas da história e não sua obrigatória confirmação. O momento historiográfico é de permissividades, de possibilidades. Os novos pesquisadores não precisam repetir o já-dito como condição de reconhecimento de suas pesquisas, mas considerar o já-dito como alavancas para suas novas investidas de pesquisa, desta forma estarão produzindo conhecimento não repetindo conhecimento.

Por fim, queremos lembrar a importância de se ler sobre o que já se escreveu acerca de um tema escolhido para pesquisa histórica, desde que se

considerem as condições da escrita da história e se beneficie dos caminhos apontados para novas leituras. Trata-se de uma condição necessária e bastante pertinente para o trabalho do pesquisador em história política, a fim de que se possam delimitar as contribuições da nova pesquisa sob reflexões das mudanças de abordagens. Essas devem ser feitas paralelamente às leituras dos documentos, não como guias determinantes da abordagem das novas pesquisas. Sendo esta a condição necessária para que o historiador tenha possibilidade de acrescentar um novo ao já-dito e poder dar novos olhares para seu tema, apresentar novos dizeres, mostrar os vários lugares dos acontecimentos. Circular em torno do tema, sair dos lugares comuns.

Bibliografia base de reflexões da autora

SILVA, Giselda Brito. *A Ação Integralista Brasileira em Pernambuco, 1932-1938*. Dissertação de Mestrado (História). Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, 1996.

_____. O Integralismo em Pernambuco na década de 30. *CLIO - Série Histórica*, n° 18, 1998, pp. 93-107.

_____. A memória Integralista. IN: MONTENEGRO, Antonio Torres e FERNANDES, Tânia. *História oral: um espaço plural*, 151-160. Recife: Editora Universitária/UFPE, 2001.

_____. Análise de discursos que legitimaram o Estado Novo: o caso da intentona integralista. *Revista Ariús. UFPB - Centro de Humanidades*, n° 1, 2002, pp. 55-65.

_____. *A lógica da suspeição contra a força do Sigma: discursos e polícia na repressão aos integralistas em Pernambuco*. Tese de Doutorado (História). Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

_____. Uma proposta de análise interdisciplinar para os estudos do Integralismo. *Revista de História Regional*, vol. 7, n° 2, 2002, pp. 75-98.

_____. O papel da imprensa na repressão aos integralistas em Pernambuco no Estado Novo. IN: *Anais Eletrônicos - XXII Simpósio Nacional de História*. João Pessoa: Editora da UFPB-Anpuh, 2003, pp. 1-8.

_____. Corpo e discursos: uma abordagem histórico-discursiva do corpo integralista como transgressor da ética e da moral cristã. IN: Costa, Marcos Roberto Nunes. *Os mistérios do corpo: uma leitura multidisciplinar*. Recife: Instituto Salesiano de Filosofia, 2004, pp. 25-42.

_____. Intelectuais católicos na promoção das ideologias integralistas no Brasil e em Portugal. IN: *V Encontro Nordestino de História/V Encontro Estadual de História*. Recife, 2004, pp. 1-9.

_____. O universo católico como espaço circulante da produção de sentido dos discursos integralistas no pós-1930. *Revista de Teologia - CTCH-UNICAP*,

nº 3, 2004, pp. 10-32.

_____. Ascensão e queda do Integralismo em Pernambuco (1932-1945). IN: *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História*. Londrina: Editorial Mídia, 2005, pp. 1-8.

_____. Aspectos das relações discursivas entre integralistas e intelectuais católicos em Pernambuco (1930-1937). IN: *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História*. Londrina: Editorial Mídia, 2005, pp. 1-9.

_____. No entre guerras, a situação dos integralistas na implantação do Estado Novo de Getúlio Vargas. *Projeto História*, nº 30, 2005, pp. 229-241.

_____. Partes Policiais: documentos produzidos pela polícia política acerca da vigilância e repressão aos integralistas no Estado de Pernambuco. IN: *Anais da XXV Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. Rio de Janeiro: SBPH, 2005, pp. 1-8.

_____. A política cultural das mulheres integralistas entre as mulheres pobres e trabalhadoras do Estado de Pernambuco. *CLIO - Série Histórica*, 2005, pp. 1-20.

_____. A Ação Integralista Brasileira e a ditadura de Vargas. IN: *Anais do Colóquio Vargas e Salazar: duas ditaduras em comparação*. Lisboa: ICS-UL, 2006, pp. 1-30.

_____. A base cristã do Integralismo em Pernambuco. IN: ALBUQUERQUE, Ulisses de et all. *Caminhos da Ciência*. Recife: Editora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2006, pp. 233-245.

_____. Integralistas e Vargas, uma relação ambígua. *História Viva* nº 33, 2006, pp. 84-87.

_____. Plínio Salgado e a base cristã da proposta integralista. *Comunicação e Política*, vol. 24, nº 3, 2006, pp. 10-34.

_____. A Ação Integralista Brasileira e a ditadura de Vargas. IN: PINTO, Antônio Costa e MARTINHO, Francisco Carlos Palomares. *O Corporativismo em português*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 201-238.

_____. Portugal na História política e cultural do Integralismo. IN: *Anais do III Simpósio Internacional Cultura e Identidade*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2007, pp. 1-17.

_____. Getúlio Vargas, a polícia e os integralistas: aliados ou adversários?. IN: SILVA, Giselda Brito e ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. *Ordem e Polícia: controle político-social e as formas de resistência em Pernambuco nos séculos XVIII ao XX*. Recife: Editora Universitária da Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2007, pp. 137-158.

_____. Mulheres! Seu lugar é em casa! *Revista de História da Biblioteca Nacional* 2, nº 16, 2007, pp. 46-51.

_____. O Integralismo em Pernambuco: uma história entre tantas da Ação Integralista Brasileira. IN: SILVA, Giselda Brito, *Estudos do Integralismo no Brasil*. Recife: Editora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2007, pp. 97-116.

_____. O pensamento político de Antonio Sardinha no Brasil. IN: *Anais do*

XXIV *Simpósio Nacional de História: História e Multidisciplinaridade: Territórios e Deslocamentos*. São Leopoldo: Anpuh, 2007, pp. 1-8.

_____ e MOURA, Carlos André Silva de. As muitas faces do catolicismo: a relação católica do movimento integralista lusitano com a Ação Integralista Brasileira. IN: *Anais do Simpósio Nacional do Cehila-Brasil*, 1-17. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2005.

Bibliografia

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e revolução: o integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1988.

BERTONHA, Fábio. *Bibliografia orientativa sobre o Integralismo (1932-2007)*. Rio Claro, Arquivo Municipal de Rio Claro, 2009.

CARONE, Edgard. *A República Nova (1930-1937)*. 2 ed. São Paulo: Difel, 1976.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: Forma de Regressividade no Capitalismo Híper-tardio*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, Marilena e FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: CEDEC; Paz e Terra, 1978.

CHAUÍ, Marilena. "Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira". IN: Chauí, Marilena e FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CAVALARI, Rosa Maria Feitero. *Educação e Integralismo: um estudo sobre as estratégias de organização da AIB (1932-1937)*. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.

_____. *Integralismo. Ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: Editora do Sagrado Coração, 1999.

GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo: Símbolo, 1977.

HILTON, Stanley E. *Suástica sobre o Brasil: a história da espionagem alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977

_____. *O Brasil e a crise internacional*. Rio de Janeiro: Cultura brasileira, 1977.

_____. *A guerra secreta de Hitler no Brasil: a espionagem alemã e a contra – espionagem aliada no Brasil: 1939-1945*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

LEVINE, Robert. *O Regime Vargas: Os anos críticos (1934-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil (1930/1945)*. Rio de Janeiro: FGV, 1978.

PARENTE, Francisco Josênio Camelo. *Anauê: os camisas verdes no poder*. Fortaleza: Edições UFC, 1986.

PINTO, Antônio Costa. *Os camisas Azuis: ideologia, elites e movimentos*

Giselda Brito Silva

A interpretação na história: um depoimento sobre a experiência de pesquisa acerca...

fascistas em Portugal (1914-1945). Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

QUINTAS, José Manuel. *Filhos de Ramires: as origens do integralismo lusitano*. Lisboa: Editorial Nova Ática, 2004.

SALGADO, Plínio. *In Memoriam*. São Paulo: Editora Voz do Oeste/Casa de Plínio Salgado, 1986.

_____. *Tempo de Exílio*. Vol.1. São Paulo: Editora Voz do Oeste, 1980.

SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos - 1930-1942: o processo de envolvimento do Brasil na II Guerra Mundial*. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

SILVA, Hélio. *Terrorismo em Campo Verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

TRINDADE, Héliogio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década e 1930*. São Paulo: Difel, 1974.

VASCONCELOS, Gilberto. *Ideologia Curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

Colaboração recebida em 22/03/2010 e aprovada em 01/06/2010.